



Conflitos e Convergências da Geografia

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Conflitos e Convergências da Geografia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C748 Conflitos e convergências da geografia [recurso eletrônico] /
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Conflitos e Convergências da
Geografia; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-320-0

DOI 10.22533/at.ed.200191504

1. Geografia – Pesquisa – Brasil. 2. Geografia humana.
I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.

CDD 910.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Conflitos e Convergências da Geografia - Volume 1. É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Conflitos e Convergências da Geografia” (Volume 1), cuja diversidade regional, teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de quatorze estados de todas as regiões brasileiras, com a contribuição de professores e pesquisadores oriundos de vinte e quatro instituições; sendo vinte e duas públicas (Universidades Estaduais, Universidades Federais, Institutos Federais e Secretarias Estaduais da Educação) e duas instituições particulares (Colégio de Ensino Médio e Centro Universitário). Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de dois enfoques temáticos: o primeiro versa sobre os dilemas, conflitos, convergências e possibilidades para compreender o campo brasileiro e suas conceituações e contradições vigentes. O segundo retrata alguns panoramas sobre o Ensino de Geografia, a formação de professores, a reforma curricular (leia-se: BNCC – Base Nacional Comum Curricular) em andamento no país e algumas linguagens e práticas advindas do trabalho docente em sala de aula, sobremaneira, na Educação Básica.

Em relação às contribuições inerentes a Geografia Agrária salienta-se que as mesmas estão dispostas a partir das pesquisas sobre o Centro-Sul, Nordeste e Amazônia. Todavia, algumas contribuições extrapolam esses recortes como exemplo, o debate teórico-metodológico sobre campesinato x agricultura familiar, pluriatividade, expansão da mineração, produção orgânica, assentamentos rurais, desenvolvimento rural, conflitos por água no campo, questão indígena e Educação do Campo.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Montes Claros-MG
Outono de 2019

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESTADO CAPITALISTA E CAMPESINATO	
Alysson André Oliveira Cabral Ivan Targino Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.2001915041	
CAPÍTULO 2	10
AGRICULTURA FAMILIAR COMO ATIVIDADE PRODUTIVA	
Fabrícia Carlos da Conceição Ana Ivânia Alves Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.2001915042	
CAPÍTULO 3	23
O DESENVOLVIMENTO DA PLURIATIVIDADE E DAS ATIVIDADES NÃO AGRÍCOLAS: ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL DAS FAMÍLIAS NOS BAIROS RURAIS DO POSTE E CAXAMBÚ NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ -SP	
Tamires Regina Rocha Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol Alan da Silva Vinhaes	
DOI 10.22533/at.ed.2001915043	
CAPÍTULO 4	40
ANÁLISE DAS MUDANÇAS NA AGROPECUÁRIA E DAS RURALIDADES EM DISTRITOS MUNICIPAIS: OS EXEMPLOS DE JAMAICA E JACIPORÃ (DRACENA/ SP)	
Maryna Vieira Martins Antunes Rosangela Ap. de Medeiros Hespanhol	
DOI 10.22533/at.ed.2001915044	
CAPÍTULO 5	57
A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - MICROBACIAS II – ACESSO AO MERCADO - NOS MUNICÍPIOS DE DRACENA E PRESIDENTE VENCESLAU - SP	
Alan da Silva Vinhaes Antonio Nivaldo Hespanhol Tamires Regina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2001915045	
CAPÍTULO 6	73
AS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS SOB INFLUÊNCIA DA MULTIFUNCIONALIZAÇÃO NO ESPAÇO RURAL: O ESTUDO DA MICROBACIA DO PITO ACESO EM BOM JARDIM-RJ	
Renato Paiva Rega Ricardo Maia de Almeida Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2001915046	

CAPÍTULO 7	83
MINERAÇÃO: ASFIXIA DA AGRICULTURA FAMILIAR E CONFLITOS TERRITORIAIS NA REGIÃO CARBONÍFERA DE SANTA CATARINA	
Maria José Andrade da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2001915047	
CAPÍTULO 8	95
VITIVINICULTURA ORGÂNICA NO RIO GRANDE DO SUL: A EXPANSÃO DA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE UVA, VINHO E SUCO EM COTIPORÃ E DOM PEDRITO	
Vinício Luís Pierozan Vanessa Manfio Rosa Maria Vieira Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2001915048	
CAPÍTULO 9	109
AS DIFICULDADES E AS POSSIBILIDADES DE PROMOVER NOVAS TERRITORIALIDADES EM TERRITÓRIOS TRADICIONAIS: ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVO ALEGRETE – RS	
Suelen de Leal Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.2001915049	
CAPÍTULO 10	124
A QUESTÃO INDÍGENA EM AMAMBAI-MS: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E DA ATUAL RELAÇÃO DOS GUARANI-KAIOWÁ COM O COMÉRCIO LOCAL	
Leonardo Calixto Maruchi	
DOI 10.22533/at.ed.20019150410	
CAPÍTULO 11	134
ANÁLISE DO PISF (PROJETO DE INTEGRAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO) À LUZ DA GEOGRAFIA POLÍTICA APLICADA AOS RECURSOS HÍDRICOS	
Victoria Nenow Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.20019150411	
CAPÍTULO 12	142
GEOGRAFIA DA DISPERSÃO ECONÔMICA DO PRONAF NO MARANHÃO	
Vanderson Viana Rodrigues Ademir Terra	
DOI 10.22533/at.ed.20019150412	
CAPÍTULO 13	153
ESPACIALIDADE DA SOJA: ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL DA PRODUÇÃO EM VILHENA/RO	
Tiago Roberto Silva Santos Helen Soares Vitória Eduardo Helison Lucas Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.20019150413	

CAPÍTULO 14	165
ANÁLISE DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA FAZENDINHA - AMAPÁ	
Alexandre Pinheiro de Freitas Daguinete Maria Chaves Brito	
DOI 10.22533/at.ed.20019150414	
CAPÍTULO 15	180
A A B O R D A G E M T E R R I T O R I A L N A S P O L Í T I C A S P Ú B L I C A S D E D E S E N V O L V I M E N T O R U R A L N O B R A S I L E E M P O R T U G A L	
Paulo Roberto Rosa Marcos Pereira Campos	
DOI 10.22533/at.ed.20019150415	
CAPÍTULO 16	190
A D I N Â M I C A N E O E X T R A T I V I S T A D A V A L E S . A . E N T R E O D E S E N V O L V I M E N T O S U S T E N T Á V E L E A A C U M U L A Ç Ã O P O R E S P O L I A Ç Ã O	
Guilherme Magon Whitacker	
DOI 10.22533/at.ed.20019150416	
CAPÍTULO 17	206
O D E B A T E D O S / D A S T E R R I T Ó R I O S / T E R R I T O R I A L I D A D E S N A L I C E N C I A T U R A E M E D U C A Ç Ã O D O C A M P O : R E F L E X Õ E S S O B R E A D I S C I P L I N A D E “ G E O - H I S T Ó R I A E T E R R I T O R I A L I D A D E S D E M S ”	
Rodrigo Simão Camacho	
DOI 10.22533/at.ed.20019150417	
CAPÍTULO 18	219
O C A R Á T E R P O L Í T I C O D O D I S C U R S O S O B R E O E N S I N O : D E S A F I O S P A R A A F O R M A Ç Ã O C R Í T I C A E I N T E G R A L N O E N S I N O M É D I O	
Carlos Marcelo Maciel Gomes Márcio dos Reis Santos	
DOI 10.22533/at.ed.20019150418	
CAPÍTULO 19	228
A S E S P A C I A L I D A D E S D A R E F O R M A D O E N S I N O M É D I O E M A R A G U A Í N A - T O (2 0 1 7 - 2 0 1 8) : L I M I T E S E R E C U O S	
Antonio Jadson Rocha Sousa Vanda Balduino dos Santos Antônia Alves dos Santos Agenor Neto Cabral da Cruz Dirceu Ferraz de Oliveira Júnior Fátima Maria de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.20019150419	

CAPÍTULO 20	234
A EXCLUSÃO DO DEBATE DE GÊNERO(S) DO PNE (2014) À BNCC (2017) E SEUS REFLEXOS NO PME/ARAGUAÍNA-TO (2015)	
Osmar Oliveira de Moura Fátima Maria de Lima Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues Patrícia Fonseca Dias Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.20019150420	
CAPÍTULO 21	241
O CINEMA DE JORGE FURTADO E OS DEVIRES DE UMA SALA DE AULA EM TRANSFORMAÇÃO: A AULA DE GEOGRAFIA COMO COMUNIDADE DE CINEMA	
Gilberto de Carvalho Soares	
DOI 10.22533/at.ed.20019150421	
CAPÍTULO 22	249
INCURSÃO NO PROGRAMA TELECENTROS.BR: UMA ANÁLISE DA POTENCIALIDADE DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM CONTEXTO FORMATIVO	
Jean da Silva Santos Ana Margarete Gomes da Silva Lorena Silva de Oliveira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.20019150422	
CAPÍTULO 23	262
FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM GEOGRAFIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E A CONSTRUÇÃO DAS PALAVRASMUNDO	
Marcos Aurelio Zanlorenzi Neusa Maria Tauscheck	
DOI 10.22533/at.ed.20019150423	
CAPÍTULO 24	272
ENSINO PÚBLICO E PRIVADO:AVANÇOS E CONTRADIÇÕES	
Marbio Pereira de Almeida Maikon Geovane Oliveira Vila Nova Gilvânia Ferreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.20019150424	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	280

O CINEMA DE JORGE FURTADO E OS DEVIRES DE UMA SALA DE AULA EM TRANSFORMAÇÃO: A AULA DE GEOGRAFIA COMO COMUNIDADE DE CINEMA

Gilberto de Carvalho Soares

Professor de Geografia do Colégio Santa Maria
(IISC)
São Paulo, SP

RESUMO: Como todo dispositivo foucaultiano, a escola está impregnada de curvas e linhas, como meadas de um novelo e que se incrementam com equipamentos que enredam o cinema e a educação. E como emaranhar-se em suas dobras? No final dos 80, Jorge Furtado lança “Ilha das Flores”. Trata-se de uma narrativa documental de uma ficção. A verdade está no que a imagem oculta, contrapondo-se à aula que busca na luz da imagem a verdade dos temas em destaque. Passados onze anos, Jorge Furtado entrega “O sanduíche”. Uma narrativa que articula em um único plano-sequência uma separação de casal, um ensaio de teatro, uma gravação, casais enamorados pelo cinema. Tudo ensaiado e pensado para ser verdade. Este filme pouco é exibido nas escolas, pois suas imagens não tratam das verdades a serem universalizadas. A luz do projetor ofusca o professor e o que sobra é a realidade da imagem. Mestre e aprendiz estão em pé de igualdade, ignorantes - o que os une é a imagem e o som em movimento. Se as linhas de força que atravessam a escola buscam linearizar cada vez mais através de uma base

curricular nacionalizada, o entrelaçamento com o cinema permite novos enunciados, devires e mutações que escapam a essa linearização. Assim, planejar a aula como comunidade de cinema transforma a geografia escolar, ao permitir que os alunos se apropriem do cinema e produzam rupturas, fraturas e esburacamentos, oscilações, dúvidas e incorporações novas naquilo que antes já era geografia. (Oliveira Jr, 2014).

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Furtado; geografia menor; educação

ABSTRACT: As all Foucault Apparatuses, schools are filled with curves and lines, like a yarn, and they increase with devices that entangle the cinema and education. Thus, what to do to get entwined in its strings? At the end of the 80s, Jorge Furtado releases “Ilha das Flores”. This work is a documentary narrative of a fiction. The truth lies in what the image hides, going against the lesson that seeks in the image’s lights the truth of the highlighted subjects. Eleven years later, Jorge Furtado releases “O Sanduíche”. A narrative which combines in a single shot sequence a couple’s breakup, a theatre essay, a movie shooting and couples in love with the movies. Everything rehearsed and thought-out to look real. This movie is under-exhibited at schools because its images don’t deal with truths which are meant to be universal. The projector

light overshadows the teacher and what remains is the real appearance of the image. Teacher and student are equal, ignorant – what unites them is the image and the sound in motion. If the great powers that controls the schools seek to linearize more and more through a common curricular basis, the relation between education and the cinema allows new statements, transformations and mutations which escape this linearization. Therefore, planning classes as a cinema community transforms scholar geography, by allowing students to appropriate themselves of the cinema and to produce disruptions, breaks, de-structurings, oscillations, doubts and new incorporations in what was once geography. (free translation- Oliveira Jr, 2014).

KEYWORDS: Jorge Furtado; minor geography; education

O CINEMA DE JORGE FURTADO: ENTRE A VERDADE E A MENTIRA

Como deslizar o cinema para a sala de aula, sem mutila-lo? A prática pedagógica tantas vezes embrutecedora, ao cooptar as imagens de cinema para a sala de aula, arranca-lhe sua essência, sua arte e o racionaliza, edita, mutila a imagem para que ela se torne a validação da verdade professada. E a escola moderniza-se com equipamentos de cinema que em um ambiente de verdades modernas, favorecem a dissociação entre a imagem e o humano.

Didi-Huberman já nos alertava que a imagem é um recorte de tempo-espço que atravessa a realidade e a faz arder, como fogo ou brasa, daí derivando sua força. Mutilar um filme é tirar-lhe esse ardor, a possibilidade de experiência que o encontro da história-até-agora da imagem proporcionará com as histórias-até-agora dos alunos e professores.

Se pretendemos uma escola atual, presente na vida dos estudantes, não há caminho pela escola moderna, pautada no futuro e ignorando a potência do presente. Não há caminho nesta escola pautada em uma ciência que se pretendia absoluta, mas cujas verdades desfazem-se no ar. Não há caminho nesta escola pautada em uma razão que, ao final, denuncia as idiosincrasias de seus profetas.

E nesta escola moderna, para cada intenção de encontro há um cinema ou imagem que lhe caiba. E quando este não cabe, da-se um jeito de caber. Este foi o caso do blockbuster educacional “Ilhas das Flores”, de Jorge Furtado.

Este não é um filme de ficção. Existe um lugar chamado Ilha das Flores. Deus não existe”. Assim começa o Ilha das Flores e aí reside o seu primeiro impacto. Seja por afirmar através de uma negação o que não precisa ser dito “Este não é um filme de ficção”, seja por enfrentar o tabu do ateísmo em um país cuja religiosidade é traço cultural definidor. Não por acaso, grande parte das versões digitalizadas na plataforma do Youtube cortam este início e, confesso, nas primeiras exibições que realizei do filme em salas de aula do Ensino Fundamental II, também cortava este início com receio das possíveis repercussões, afinal, precisava garantir o emprego. Esta exibição centrava-se na verdade do professor – sensibilizar os alunos para a desigualdade social e desumanização do indivíduo promovida pela lógica do Capital. O filme era uma

ferramenta didática a serviço da verdade do professor. Era apresentado aos alunos e alunas como representação de algo posto, fechado.

Quando o filme abre em uma tela preta com os dizeres “Este não é um filme de ficção”, o espectador médio é deslocado para a expectativa de um documentário, embora o diretor jamais afirme isto. Por outro lado, nos créditos, ao escrever que “Na verdade...” a Ilha das Flores chama-se Ilha dos Marinheiros, que as personagens são atores e atrizes, o diretor reforça o caráter ficcional do filme, para, na última cena, apresentar novamente a tela preta com os dizeres em letras brancas “O resto é verdade”.

Lins e Mesquita (2008) situam Ilha das Flores como um ensaio fílmico, junto com outros filmes da década de 80, como Santiago, de João Moreira Salles, em que “partem do princípio de que a imagem é um dado a ser trabalhado e relacionado com outras imagens e sons, e não mera ilustração de um real preexistente”. É nesta fase de transição entre os governos militares e civis que o documentário procura se reinventar e questionar o monopólio da verdade fílmica e quando surge Ilha das Flores.

Jorge Furtado, mais do que denunciar as desigualdades sociais e problematizar o lixo, como sugerem as abordagens tradicionais, coloca a imagem como elemento de dissenso. A fala monotônica do narrador acompanha o ritmo das imagens de forma representativa, mas a quebra desta representação direta leva os espectadores, comumente ao riso, por exemplo, entre os minutos 1´46´´ e 1´50´´, quando descreve a habilidade manual em pinça da mão humana e a imagem de uma casa converte-se imediatamente em uma maquete, quando o quadro é atravessado por uma mão com um pincel, ou entre os minutos 2´00 e 2´10´´, quando o narrador descreve as maravilhas construídas pelo homem e, em uma pausa do narrador, surge a imagem da bomba atômica, seguida da imagem de um tomate, personagem central da narrativa. Estes são exemplos de como o diretor carrega o espectador para a construção da imagem cinematográfica, fazendo oscilar a compreensão da narrativa monocórdia do tomate e seu trajeto entre a plantação e as crianças na Ilha das Flores. Esta quebra se dá também quando o diretor coloca a imagem de uma prova de História no lixo e a partir dela descreve uma educação centrada na memorização e nas verdades.

Assim, as imagens de “Ilha das Flores” abrem-se em uma multiplicidade capaz de gerar dissensos e abrir a sala de aula para a multiplicidade que pode compor uma comunidade de cinema. Trata-se de uma narrativa muito bem didatizada, que ao transformar-se em cinema, abre-se a uma série de incompletudes. Tais incompletudes permitem diferentes reações individuais em relação à imagem e seu compartilhamento na comunidade, incluindo a do professor de geografia que compartilha uma análise a partir dos conceitos de geografia para a compreensão do filme. Porém, só ocupará este lugar de igualdade o professor que não queira preencher vazios, mas pensar junto, através do princípio da igualdade de inteligências. As interpretações possíveis são parte deste espaço geográfico e não devem ser obstruídas pelo professor.

Passados onze anos do lançamento de Ilha das Flores, Jorge Furtado entrega ao

mundo “O sanduíche”. Uma narrativa que surpreende o espectador ao articular em um único plano-sequência realidades que somente seriam possíveis pelo cinema. Uma separação, um ensaio de teatro de onde emerge um romance, uma gravação de onde emerge um flerte, casais enamorados pelo cinema. Tudo ensaiado e pensado para ser verdade. Este último filme pouco é exibido nas escolas, pois suas imagens não tratam das verdades a serem universalizadas. E é aí que encontramos a potência do filme.

O impacto de “O sanduíche” em alunos pré-adolescentes é voraz, Sentem-se “trolados” pela imagem. E quando analisamos as descontinuidades da obra, como em seu final, em que há a troca de atores do penúltimo casal, os alunos e alunas mostram-se ainda mais surpresos. A verdade da imagem se desfaz por terra e emerge a autoria da obra, as escolhas do diretor, que tanto em Ilha das Flores, quanto em “O Sanduíche”, insiste em fazer este cinema que se equilibra entre a ficção e o documentário. Das discussões e relatos de experiência da exibição do filme em sala de aula, desdobram-se inquietações e questionamentos acerca das verdades ditas por qualquer um. Entre o fato e a narrativa do fato sempre existirá um intermediário. É destas fissuras de pensamento que a criticidade emerge e se torna parte do cotidiano, gerando ondas que desestabilizam o banal.

UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO HÍBRIDO SALA DE AULA/SALA DE CINEMA

Toca o sinal. Os corpos infantis, quase adolescentes libertam-se das carteiras. Desfaz-se a autoridade do professor que segue para outra sala, onde, tal qual a equilibrista de Aldir Blanc e João Bosco, deve fazer o show continuar. Como todo dispositivo em seu sentido foucaultiano, a sala de aula está impregnada de curvas e linhas, como meadas de um novelo. São as curvas de visibilidade - verdades iluminadas e universais. São as curvas de enunciação - regimes em mutação que colocam em questão as verdades da Pedagogia, da Geografia, da História, da Matemática, das Línguas. São as linhas de força que buscam retificar estas curvas e, por isso mesmo, invisíveis e indizíveis - a dimensão do poder, terceira dimensão do espaço, nos dizeres de Delleuze. Cada vez mais o dispositivo da sala de aula incrementa-se com projetores, telões e alto-falantes que enredam o cinema e a educação. E como desfiar este novelo, emaranhar-se em suas dobras?

Como explorar toda a potência do cinema em salas de aula cada vez mais tecnicamente equipadas para ele? Quais trajetos este dispositivo sala de aula nos permite? Aonde nos leva? Quais encontros nos permite e quais nos nega?

Se a escola é um dispositivo disciplinar, como analisou Foucault, podemos entender que este processo de invasão do cinema na educação não se dá ao acaso, mas legitima este processo de controle dos corpos. Pensar estratégias de aula para o uso destas tecnologias, dissociando-as de seu contexto no qual foram desenvolvidas, fará com que o cinema perca sua potência de arte e torne-se um instrumento legitimador da autoridade bruta do professor. Nem cinema, nem educação, apenas o controle

embrutecedor do corpo, a docilização do indivíduo, seja para o mercado, seja para a utopia salvífica. A ideia de que trabalhar cinema envolve os discentes e acalma a sala de aula.

E se a sala de aula é lugar, identificado, reconhecido, localizado, é possível nos apropriarmos de conceitos da geografia para desvendá-la, reconhecê-la e vivê-la de forma plena e livre, apropriando-se de sua arquitetura de controle e disciplina para o exercício da democracia. Doreen Massey ao propor o espaço como eventualidade, aponta-nos para um lugar aberto, de histórias-até-agora que se cruzam e, por isso mesmo, promovem o conflito e, através dele a construção de identidades.

E a imagem cinematográfica é uma destas histórias-até-agora que fazem o lugar. Assim, quando a imagem do cinema atravessa a sala de aula, ela arde, no sentido que nos traz Didi-Huberman, ao afirmar que

“Saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir o lugar onde arde, o lugar onde sua eventual beleza reserva um espaço a um ‘sinal secreto’, uma crise não apaziguada, um sintoma. O lugar onde a cinza não esfriou”

E mais adiante complementa que *“Uma imagem bem olhada seria, portanto, uma imagem que soube desconcertar, depois renovar nossa linguagem, e portanto, nosso pensamento.”*

Assim, se seguimos com Massey, entendendo que o lugar é o espaço privilegiado da política, o lugar “sala de aula” explode em conflitos, onde o mestre é parte deles. Legitimado pelas instituições sociais como o detentor do saber, o professor e a professora têm em suas mãos as sanções disciplinares e os exames para controle dos corpos que ali se encontram e se se iludem com o micropoder que lhes é conferido, as tecnologias do cinema a sua disposição devem conter o conflito, acalmar os espíritos e docilizar as jovens almas. Para isso, nada melhor que imagens clichês, expostas como espelhos moralistas do que deve ou não ser feito para o caminho do sucesso sempre postergado.

Por outro lado, se o mestre toma consciência de sua ignorância e da humanidade ali presente, as tecnologias do cinema permitem produzir encontros com imagens que desloquem o pensamento para aventuras inusitadas, que gerem o novo, através do exercício da liberdade, agora vivida no presente, como nos alerta Rancière.

O conhecimento estriado e rígido dos currículos se abre a novas possibilidades de interpretação. O universal se particulariza a partir da brasa incandescente das imagens, que ardem ao deslocar o pensamento para um espaço liso, inusitado. E ao exigir novas linguagens para novos pensamentos, o conteúdo curricular significa-se menos a partir da sabedoria externa e mecânica do mestre e mais a partir das experiências dos corpos presentes na sala de aula.

A IMAGEM SEM VERDADES – A SALA DE AULA COMO COMUNIDADE DE

CINEMA

Se a sala de aula é este dispositivo de controle e disciplina dos corpos e cada vez mais entrelaçado com os sistemas de objetos técnicos que realizam o cinema, é na sua dinâmica como lugar que ela explode em possibilidades, devires de corpos e mentes que resistem ao embrutecimento.

E estes múltiplos processos de resistência e reprodução passam pelo corpo e mente do professor. Sem ele, o conflito da autoridade não existe ou organiza-se em outra coisa que não uma escola. Mesmo o professor e a professora de práticas mais democráticas ou fluídas na relação com os alunos e alunas, carregam em si a força do controle. É o que se espera deles e delas – conhecimento e controle.

Porém, como nos alerta Simondon, os objetos técnicos somente o são na relação com os humanos. O objeto mais perfeito é aquele que melhor se adapta às mais variadas necessidades. Se a sala de aula densifica-se tecnicamente, as relações construídas com os objetos técnicos devem se reorganizar. Politizar os objetos (neste caso os projetores) como atores que não estão pré-determinados em seu modo de uso é o caminho que aponta Cezar Migliorin (2015) para o cinema na escola.

O professor e a professora que conduzirem a sala de aula para uma comunidade de cinema, dobram este lugar construído para ser o espaço estriado da educação positivista para um espaço liso, imponderável. Os corpos que atravessam uma proposta positivista como indisciplina, abrem-se nesta proposta como pensamento. A desorganização é parte do processo criativo, como afirma Migliorin (2015):

“O mafuá é a própria operação do pensamento e dos corpos; não um lugar, mas um campo de conexões frescas e experiências que instabilizam as formas e permitem pensamento. O pensamento é o que acontece na passagem entre formas; quando um conhecimento se produz. O mafuá, na bagunça em que os atores sabem se movimentar, é a forma e o desforme, a ordem e o caos, a materialidade e a imaterialidade. O acoplamento necessário para o mundo andar e a complexidade hiperconectiva para o mundo diferir” (pág. 197)

Mas como conseguir estas dobras com currículos cada vez mais verticalizados e homogeneizadores e com professores e professoras que precisam lidar diuturnamente com a precarização das relações de trabalho docente?

A resposta para estas questões está na potência da imagem. Considerando-a como um dado objetivo do lugar em que é exibida, a imagem despe-se da ideia de verdade e torna-se possibilidade. Se a formação acadêmica positivista do professor e professora de geografia faz com que se enxergue no curta-metragem de Jorge Furtado “Ilha das Flores” cadeias produtivas, urbanização, divisão de classes, fragmentação do território, para o aluno e aluna senciante, as imagens apresentadas na tela podem gerar indignação, culpa e até força para resistir ao controle de seus corpos pelos exames.

E assim como a produção da imagem em cinema, o exercício de planejar a aula é por definição a tentativa de antecipar o tempo, estriar o espaço, para garantir que o

currículo externamente definido se cumpra em sala de aula, assim como o roteiro em relação ao filme. Trata-se de um exercício de racionalidade que para dobrar-se em comunidade de cinema, precisa incorporar o irracional. Ao incorporar mafuás para a produção e reflexão de imagens, o tempo organizado pelo planejamento abre espaços novos, surgidos a partir da trama curricular.

Um vídeo como *Ilhas das Flores* pode ser visto e revisto, com múltiplos olhares, já que nada daquilo é verdade (ou tudo o é), como expressa o diretor nos créditos. Um vídeo como “*O Sanduíche*” pode ser visto e revisto nos trabalhos e conceitos de escala, território, lugar e região, ao explorar o incômodo gerado pela explicitação da falsidade da imagem.

E a cada exibição, camadas do filme vão se desfazendo em pensamentos novos que podem ser o mote para a produção de documentários e ficções cuja verdade dependerá tanto da exploração dos objetos técnicos disponíveis para captação e edição de imagens, quanto do exercício de empatia que a produção de cinema exige, para que a imagem arda diante dos olhos de seus espectadores.

Pensar a sala de aula como comunidade de cinema, antes de buscar uma nova escola, busca a experimentação da liberdade que sempre estará nos indivíduos e que está fora do controle de qualquer professor ou professora, pois os sentimentos e pensamentos daí oriundos fazem parte da solitária experiência de Ser. Por definição, a escola sempre tentará escravizar os corpos que ali se encontram, assim, é na resistência consciente e sensível que a escola e a sociedade se transformarão em devires outrora imprevisíveis e que exigirão inovações de controle e disciplina que, ao chegarem à sala de aula, reorganizarão a aula e abrir-se-ão para novos devires, até que o que antes parecia sólido, desmanche-se no ar.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tocam o real*. Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov 2012.

GALLO, Silvio. *Deleuze e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Editora Viramundo, 2003.

ELDEN, Stuart. *Mapping the presente: Hedegger, Foucault and the Project of a spatial History*. Continuum, 2002.

ILHA DAS FLORES. Direção de Jorge Furtado. Casa de Cinema de Porto Alegre. Brasil, 1989. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GUIMARÃES, Cesar. *O que é uma comunidade de cinema.* Revista Eco Pós, V. 18, n1, 2015.

LACLAU, Ernesto. *Nuevas Reflexiones sobre la Revolución de Nuestro Tiempo.* Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos.* São Paulo: Editora 34, 3 edição, 2013.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente Cinema: Educação, política e mafuá.* Beco do Azougue, Rio de Janeiro, 2015.

O SANDUÍCHE. Direção de Jorge Furtado. Casa de Cinema de Porto Alegre. Brasil, 2000. Disponível em https://www.youtu.be/v_YcDYGdAKs

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de Oliveira. *Videos, resistências e geografias menores – linguagens e maneiras contemporâneas de resisitir.* Terra Livre, São Paulo, SP. Ano 26, V.1, n. 34. Jan-Jun, 2010.

_____. *As geografias menores nas obras em vídeo de artistas contemporâneos.* XIV Colóquio Ibérico de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade do Minho. Nov. 2014.

_____. *Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares?* Quaestio, Sorocaba, SP, v. 18, n.1, p. 67-84, maio 2016. Disponível em <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio> Acesso em 29 jun. 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.* Campinas: Hucitec, 1997.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existência de los objetos técnicos.* Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC -Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia-"Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia-UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018) entre outras publicações.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-320-0

